

**ATLANTIQUE : AMOR COMO POLÍTICA,
ESPIRITUALIDADE ANTICOLONIAL E SUAS
CARTOGRAFIAS AFETIVAS**

Roger Gomes Ghil
Mestrando (a) do curso de Pós-Graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: rogerghil@gmail.com

Orientador: Prof. Erly Vieira Jr.
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

RESUMO

A partir da obra cinematográfica de longa-metragem *Atlantique* (Mati Diop; Bélgica, França e Senegal; 2019) como objeto de estudo, apresentaremos um mergulho inicial nas questões que atravessam nossa dissertação de mestrado em desenvolvimento atualmente. Exploraremos a forma como a diretora aponta o “amor como forma política” (NOGUERA, 2020) que, a partir da espectralidade, do desenvolvimento de um “olhar opositor” (HOOKS, 2019), do acesso à memória e à ancestralidade (lembança), agencia uma performance anticolonial que reivindica, estetiza, gesta e concebe novos territórios (cartográficos e afetivos) diaspóricos, endossando a discussão sobre “multiterritorialidade” proposta por Haesbaert (2006). Por fim, entenderemos que, pensar território a partir do corpo negro é entender que este corpo - devido a sequestros e diásporas – assume o papel de carregar uma ancestralidade que, ao ser acessada pelos processos de lembrança (incorporação), aponta a forja de uma nova história. Entenderemos ainda a fundamental função das mulheres negras nos processos de manutenção da memória no processo transatlântico.

Palavras-chave: Amor; Espiritualidade; Anticolonialidade; Corpo; Território.

INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2018, foram 57.250 migrantes de África rumo à Europa e cerca de 770 perderam a vida na travessia marítima rumo à Espanha, principal porta de entrada do continente europeu para os migrantes¹. Diante do declínio socioeconômico europeu², aponta no horizonte a subalternização do continente, uma vez centro estruturante das epistemologias globais. A ocupação de um território de poder

¹ Estruturam os processos migratórios: guerras, xenofobia, epidemias, catástrofes ambientais, condições sociais e econômicas de extrema pobreza e racismos.

² A exemplo da recente oficialização da saída do Reino Unido da União Européia, o Brexit.

por corpos subalternizados revela a contradição responsável pelo fim do mundo colonial.

Mbembe (2018) anuncia uma universalização do conceito de negro, uma vez que o modelo econômico capitalista atualiza as práticas de submissão para se sustentar, relendo condutas escravagistas imperiais de predação e captura, bem como as práticas coloniais de exploração e ocupação, dentro da lógica extrativista. É nesse contexto que a diretora Francesa Mati Diop tem seu primeiro Longa-Metragem, *Atlantique*³, contemplado com o *Grand Prix* em Cannes, e entra para a história como a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem na competição.

O filme acontece no universo do curta-metragem *Atlantiques* (França, 2009), da mesma diretora, e endossa a pauta dos processos diaspóricos que os corpos das pessoas subalternizadas estão submetidos. O filme conta a história do amor de Ada e Souleiman: ela está prometida a outro, ele é trabalhador num canteiro de obras de um empreendimento senegalês bilionário e, sem receber a um longo tempo, decide se arriscar no mar, com seus companheiros, rumo à Espanha.

Algo latente na obra é a nudez da diáspora e a presença da ausência: Esta é um mecanismo de ativação da memória, e a memória é a possibilidade de vida. O mar é o grande responsável pela conexão com a memória na narrativa, da mesma forma como se apresenta no processo de formação dos territórios transatlânticos. O projeto colonial que força esses corpos à travessia é calcado na ideia de epistemicídio.

Matar o pensamento do outro, na verdade transformar esse outro em “coisa”, em uma mera ferramenta para gerar lucro para o sistema econômico capitalista, é uma estratégia que foi determinante para relegar ao negro uma condição de subalternidade e inferioridade perpétua. Ao impor a insígnia da raça e classifica-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui é claro a memória. (PESSANHA, 2018, p. 63)

Volvendo-nos às espiritualidades cosmogônicas Bakongo e Nagô⁴, encontraremos ancestralidade e memória estritamente relacionadas à ideia de lembrança. Como o princípio de *Sankofa*⁵, onde aprendemos que as bases de um futuro possível são estruturadas no presente, a partir da escuta atenta às vozes do passado. “Algumas memórias são presságios”

³ Produção realizada majoritariamente com mulheres enquanto chefes de setor, como fotografia, som e arte.

⁴ Nomes que abarcam grupos étnicos da África Ocidental (onde está localizado o Senegal), e países como Angola e Nigéria.

⁵ Sankofa significa “Voltar para buscá-la”. É um Adinkra dos povos Akan, pertencentes à região de África Ocidental (entre Gana, Burkina Faso e Togo). Adinkras são Ideogramas elaborados para transmitir provérbios saberes do povo Akan. Este é o símbolo de um pássaro que olha para trás com o ovo do futuro no bico.

(ATLANTIQUE, 2019). Pela tradição iorubana, Ifá⁶ nos diz que “o que é lembrado, nunca morre”. Essa escuta só acontece quando nos imergimos nas águas, e, neste caso, nas águas do atlântico também.

É preciso passar pelo processo transatlântico para lembrar, neste contexto, nossa dissertação propõe analisar e compreender as questões presentes na obra *Atlantique* (Mati Diop; Bélgica, França e Senegal; 2019), como questões socioculturais – diásporas, tradições, ritos, epistemicídios e necropolítica – e estéticas – escolhas visuais, sonoras e narrativas – além da dimensão afetiva – atravessamento sensorial e recepção da obra pelo público – para então descrever como a diretora, a partir da afetividade negra, das manifestações de amorosidade e do trato com uma espiritualidade não colonizada, propõe corpos de mulheres como ferramentas anticoloniais para a produção de territórios de vida.

DESENVOLVIMENTO

Epistemologicamente, a construção do mundo pós-colonial está calcada em processos de cativo: na subjetividade, acontecem os processos de docilização e assepsia dos corpos; na espiritualidade, o surgimento de doutrinas e códigos de conduta dialoga com a polarização do projeto político colonial de dimensões absolutistas:

O povo eurocristão monoteísta, por ter um Deus onipotente, onisciente e onipresente, portanto único, inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, vertical e/ou linear. Isso pelo fato de ao tentarem ver o seu Deus, olharem apenas em uma única direção. Por esse Deus ser masculino, também tendem a desenvolver sociedades mais homogêneas e patriarcais. Como acreditam em um Deus que não pode ser visto materialmente, se apegam muito em monismos objetivos e abstratos. Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por verem as suas deusas e deuses nos elementos da natureza como, por exemplo, a água, a terra, o fogo outros elementos que formam o universo, apegam-se à plurismos subjetivos e concretos. (SANTOS, 2015, p. 38)

Antônio Bispo dos Santos (2015) contribui para entendermos, assim, que o processo de cativo das questões de gênero também está contido no processo de racialização, aspecto

⁶ Representado pelo Orixá Orunmilá. Método divinatório através dos Odus pessoais. Estes são como signos, apontam o destino da pessoa. Precedente do jogo de búzios.

estruturante da colonização. Com territórios corpóreos, estéticos e geográficos pré-moldados, normatiza-se, também, a manutenção da produção de imagens de controle do status quo como, por exemplo, a indústria cinematográfica de hollywood. Hooks (2019) anuncia, entretanto, uma desobediência sensorial - logo, civil - inerente à subjetividade das mulheres pretas: o olhar opositor.

Segundo Hooks (2019), esse olhar localiza as mulheres pretas “nem como vítimas, nem como perpetradoras” do discurso dominante⁷, mas aponta a possibilidade da agência, endossando o lugar de poder da espetatorialidade negra: “Cada narração põe o espectador em uma posição de agência; e raça, classe e relações sexuais influenciam a forma como essa posição de sujeito é preenchida pelo espectador” (HOOKS, 2019, p. 218). A autora propõe um prazer visual pela crítica, prazer esse que pode ser adquirido, também, através do espelhamento, da auto-conexão compartilhada do olhar para a câmera, como Ada faz no último plano do filme, anunciando sua própria possibilidade de vida no futuro.

A voz do espírito de Souleiman faz emergir a possibilidade de um olhar que vivifica: “Eu a vi na enorme onda que nos consumiu. Tudo o que vi foram seus olhos e suas lágrimas. Senti seu pranto me puxando para o litoral. Seus olhos nunca me deixaram, eles estavam lá comigo, iluminando as profundezas” (ATLANTIQUE, 2019). A dimensão fantasmagórica da obra nos apresenta uma alternativa de agência anticolonial, que foge ao cativo do olhar. Isto é o que dá vida a novos territórios possíveis. A inteireza desses territórios - ao contrário da fragmentação presente no processo diaspórico - está justamente na possibilidade da opacidade.

Não é o fechamento em uma autarquia impenetrável, mas a subsistência em uma singularidade não redutível. Opacidades podem coexistir, confluir, tramando os tecidos cuja verdadeira compreensão levaria à textura de certa trama e não à natureza dos componentes. (GLISSANT, 2018, p. 53)

O conceito de opacidade, aqui, surge a partir da não compreensão, da não redutibilidade e da possibilidade da existência fora dos regimes de hiper-visibilidade e da vigilância institucional, de um empobrecimento ontológico que está nos reducionismos e aglutinações étnicas dos povos africanos pelos universalismos europeus, o queer, o pós-modernismo e, por fim, o tokenismo⁸.

⁷ O discurso dominante aqui é explicitado pela autora como a oposição binária de Mulvey, onde a mulher é a imagem e o homem é o observador.

⁸ Tokenismo é um termo usado pela primeira vez na década de 60, por Marthin Luther King. Traduz um esforço superficial para a integração de grupos de minorias de poder. Assim, é possível dar a aparência de igualdade racial

A opacidade fantasmagórica explorada na trama dá margem à coexistência de territórios de vida e de morte e nos apresenta a contradição que permite a perpetuação da memória: a liberdade de trânsito. Haesbaert (2006) aponta quatro objetivos básicos do processo de territorialização que dialogam entre si, de acordo com seus contextos: abrigo físico (recursos e meio de produção); identificação grupal (fronteiras geográficas); controle através dos espaços individualizados; e construção e/ou controle de redes. O autor aponta, ainda, o movimento como elemento estruturante nas (re)construções do território, pois permite a interação entre o que chama de territórios-zona (geográficos) e territórios-rede (influência econômica). A força motriz que promove a interface entre os territórios da narrativa deste filme de Diop é o amor. Opere ele no aspecto de vigilância e controle – como o fato de Ada ser prometida a outro, rico, casar-se contra sua vontade e ganhar um iPhone para ser monitorada – ou no amor onírico – sentimento recíproco entre Ada e Souleiman, sustentador da agência política (também através dos corpos das outras mulheres) de reivindicação e resolução das questões financeiras no “pós morte”.

A idéia de que o amor significa a ossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. Essa definição é importante para os negros porque não enfatiza o aspecto material do nosso bem-estar. Ao mesmo tempo que conhecemos nossas necessidades materiais, também precisamos atender às nossas necessidades emocionais. (HOOKS, 1984, p. 4)

Apontar o amor como uma ação e descolar esse conceito da materialidade é o mecanismo utilizado por hooks para revelar sua dimensão espiritual e sua agência expansiva, isso nos permite ler o filme de Diop através da ótica de que esse amor é uma alternativa negra à colonialidade e ao trauma, uma vez que esses se estabelecem institucionalmente (burocraticamente e legalmente), territorialmente e epistemologicamente.

A exemplo, o amor-agência se manifesta na narrativa fílmica quando o espírito de Souleiman incorpora não no corpo de Ada (fugindo do padrão das incorporações previamente vistas), mas sim no corpo de um investigador de polícia. Essa é a primeira disruptura do amor-agência para com uma das premissas da colonialidade, a polícia, enquanto instituição reguladora (poder), que atua em nome da lei e da ordem através do punitivismo. Souleiman consegue fazer com que o investigador esqueça (manifeste o trauma da colonialidade) e atrapalhe as investigações sobre o incêndio que aconteceu no dia do casamento de Ada com

seu prometido. A culpabilização de Souleiman pelo incêndio ativa em Ada a agência da ótica (olhar) opositora: a certeza da morte transmuta-se na certeza da vida, a partir daí, o amor deflagra o deslocamento territorial de Ada em busca de seu amado. Na obra de Nogueira (2020), Djamila Ribeiro – já no prefácio do livro - aponta o amor como forma política, porque está despido - segundo a filosofia africana - do aparato romântico forjado a partir das epistemologias coloniais europeias, que o fragmentam e o reduzem à processos alquímicos do organismo humano. O amor é forma política porque aponta a possibilidade da presença plena como manifestação do impronunciável, é uma forma verbal de ser e estar no mundo, que borra fronteiras e confunde rostos, debaixo d'água.

RESULTADOS

A feminilidade apresenta-se, dentro da perspectiva espiritual Jeje-nagô, divinizada junto às águas, na figura das mães rainhas, as Iyabás, perspectiva que apresenta ainda, uma proposta de matropolítica e matrigestão atrelada à vivência dessas mulheres, uma vez que “Em tempos mais antigos, costumavam-se iniciar apenas mulheres no culto aos orixás. O fenômeno do transe era visto como uma condição feminina por excelência” (EVANGELISTA, 2013, p. 93). É, aqui, onde se anuncia o corpo da mulher como agência política, uma vez que estava com ela toda a gama de conhecimentos de produção de saúde da medicina tradicional africana, bem como as ferramentas para lidar espiritualmente com todos os desafios da nova realidade. É político curar, lembrar e gozar quando a instituição é necropolítica⁹.

Diop resgata, meio à sociedade predominantemente muçulmana, as raízes da espiritualidade senegalesa e africana ao trazer para o filme a incorporação como forma de ressoar essa memória: corpos molhados de mulheres incorporadas nos espíritos de seus companheiros que voltam para cobrar o dinheiro que lhes é devido. Águas que são as mulheres, águas que são as emoções, águas que abarcam e abraçam memórias. A diretora constrói, neste grupo de mulheres agentes da trama, personagens transgressoras, que têm, com seus companheiros, encontros numa boate beira-mar.

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta

⁹ O escritor camaronês Achille Mbembe (2018) apresenta um sistema necropolítico, em que a soberania pode escolher quem vive e quem morre. Mbembe traduz as instâncias da democracia neoliberal como “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”, levando ao esgotamento de recursos, a morte e a morte em vida (epistemicídio).

com ela” – essa frase de Angela Davis, em País (2017), traduz a condição estrutural e política que a mulher negra tem na sociedade. Essa condição estruturante acontece na contradição da anti-hegemonia:

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro. (KILOMBA, 2008, p. 124)

É na condição de o outro do outro que essas mulheres questionam as práticas hegemônicas da construção social e nos apontam a possibilidade da reforma através de uma performance estratégica de desmonte da ideologia dominante. Inteligências econômicas e jurídicas coexistem a dimensão existencial da precariedade. É essa condição de outro do outro, a ferramenta que aproxima a perspicácia da realidade existencial precarizada dessas mulheres.

Pensar território a partir do corpo negro é entender que esse corpo - em função dos deslocamentos continentais decorrentes do processo diaspórico - assume o papel primordial de carregar a ancestralidade, a identidade, a cultura, onde quer que se vá, e através da memória (lembança) ativada por um amor-agência, manter-se conectado com os territórios físicos e espirituais dos quais se é originário, e ainda habitar a habilidade de forjar novas possibilidades de estar no mundo, transmutar o trauma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos neste trabalho que os processos de lembrança/acesso à memória se dão a partir do corpo e dos mergulhos na ancestralidade. Mergulho também nas feminilidades que ancoram saberes de matropolítica e matrigestão responsáveis pela conversão da norma necropolítica da colonialidade em possibilidade de vida, justiça e gozo. Compreendemos que a inteireza dos novos territórios possíveis para pessoas racializadas está na possibilidade da opacidade, logo, apartada de hipervisibilidades e amarras identitárias. Notamos ainda que a imersão em outras percepções acerca da obra traz, ao projeto, a possibilidade da aplicação de uma visão mais empírica do que interpretativa sobre o tema, é este o fator que desvela a correspondência ou não do arcabouço conceitual à vida cotidiana das mulheres que têm suas subjetividades subalternizadas pelo colonialismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLANTIQUE. Direção de Mati Diop. Bélgica, França e Senegal: Ad Vitam Production, 2019. 1 DVD (100 min.).

EVANGELISTA, Daniele; **Emoção não é coisa de Equede: mudança de status e relações de poder no Candomblé**. In: Revista Intratextos, 2013, vol4, no1, p. 93-106

GLISSANT, Édouard. **Pela opacidade**. São Paulo: Revista Criação & Crítica n.1, 53-55, 2008. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102>. Acessado em 01 outubro, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Definindo território para entender a desterritorialização**. In: O mito da desterritorialização, do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOOKS, Bell. **O olhar opositor: mulheres negras espectadoras**. In: HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. 1984. Disponível em: <http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf> . Acesso em: 21 abr. 2019.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Berlim: Unrast, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2018. São Paulo, n-1 edições, pg 05,06. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor** / Renato Noguera. — Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020. 208 p.: il

PAÍS, El. Angela Davis: **“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”**. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2xPURFK>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio: As faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. / Eliseu Amaro de Melo Pessanha; orientador Wanderson Flor do Nascimento. Brasília, 2018. 98 p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS modos e significados**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/38KRvDs> >. Acesso em: 22 mai. 2020.